

FREQUÊNCIA DAS PELAGENS EM EQUINOS DA RAÇA CRIOULA PARTICIPANTES EM PROVAS FUNCIONAIS

AFONSO, Alice B. M.¹; PIMENTEL, Anelise H.²; MARTINS, Charles F.³; MOREIRA, Heden L. M.³; ABENTROTH, Flávia¹; FLORIO, Gabriel de M.¹; SOUZA, João R.M.¹; DODE, Maria E.B.¹; Moreira, Carla G. A⁴

¹ *Graduandos Curso Veterinária e Zootecnia UFPEL; Email: aafonso1@hotmail.com*

² *Docente Curso Veterinária e Zootecnia UFPEL; Email: anehammespimentel@gmail.com*

³ *Docentes curso Veterinária UFPEL*

⁴ *Doutoranda curso Biotecnologia UFPEL*

1 INTRODUÇÃO

Em 1914 Emilio Solanet foi à Patagônia, Argentina, resgatar cavalos da raça crioula que fossem livres de miscigenação. As publicações originais (SOLANET, 1946; DOWDALL 1982) indicaram uma predominância das pelagens gateada, lobuna e baia. Entretanto, após esse momento do resgate desses animais selecionados naturalmente, passou a ocorrer uma seleção artificial conduzida pelo homem, buscando resultados em exposições e mercado, observando-se a partir daí, uma maior variabilidade dessas pelagens. Duval, em 1985, verificou uma predominância da pelagem moura, gateada e rosilha em 50% dos machos registrados, enquanto, em torno de 50% das fêmeas eram gateadas, tordilhas, baias ou moursas. Posteriormente, Amaral & Almeida (2007) num levantamento dos registros da raça mostraram uma frequência diferente, possivelmente influenciada por esse direcionamento em busca de animais de seu interesse e afetando indiretamente a frequência das pelagens.

Este trabalho visa identificar a frequência das pelagens dos animais que participaram das provas classificatórias ao Freio de Ouro, principal prova da raça e que leva em conta a morfologia e função.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este estudo está baseado nas pelagens utilizadas pelos técnicos da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), junto ao serviço de registro genealógico. Este levantamento refere-se a um total de 427 animais que participaram da final do Freio de Ouro de 2011, do Bocal de Ouro de 2012 e das provas classificatórias ao Freio de Ouro 2012. A variação das pelagens foi estudada a partir da simples contagem das ocorrências do fenômeno, entre participantes das provas funcionais do freio de ouro, sem desconsiderar a morfologia. A análise estatística foi realizada em função da distribuição de frequências.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo estão representados na tabela 1.

Tabela 1. Frequência de pelagens em equinos participantes das provas classificatórias do Freio de Ouro.

Pelagem	Número	%
Colorada	116	27,2
Zaina	59	13,8
Gateada	48	11,2
Tordilha	31	7,3
Baia	29	6,8
TOB (Tobianos, Overos, Bragados)	29	6,8
Tostada	26	6,1
Rosilha	19	4,4
Preta	16	3,7
Moura	15	3,5
Picaça	15	3,5
Lobuna	10	2,3
Castanha	5	1,2
Cebruna	4	0,9
Douradilha	4	0,9
Alazã	1	0,2

Segundo DOWDALL (1982), existe uma crença, a seu juízo errôneo, que se generalizou entre os criadores sul americanos de que gateada é a pelagem característica do cavalo crioulo, ao ponto exagerado de afirmar que, “se não é gateado, não é crioulo”. Não há dúvidas de que durante muitos anos, a pelagem gateada predomina nas manadas crioulas e que esta se torne ícone da raça, mas este fenômeno tem sido sugerido como consequência de um mecanismo de preservação da espécie frente aos predadores através de uma camuflagem (SOLANET, 1943). Também, segundo DOWDALL (1982), essa elevada frequência da pelagem gateada pode ter sido resultante da preferência dos criadores.

Num levantamento feito por AMARAL & ALMEIDA (2007), baseado nos registros genealógicos ao longo de 70 anos, desde a fundação da ABCCC, a maior frequência observada permanece sendo a pelagem gateada, com 29,5%, ou seja, praticamente um terço de toda população registrada até esta data. Provavelmente, este fato esteja relacionado com a importação de crioulos argentinos que ocorreu mesmo antes da fundação da ABCCC, de acordo com DUVAL (1985). Em seguida, encontra-se a pelagem rosilha (11,6%), colorada (8,7%), tordilha (8,0%), zaina (7,7%), baia (7,0%), lobuna (6,0%), moura (5,3%), tostada (5,0%) e as demais com valores bem inferiores.

No presente estudo, as pelagens predominantes (Tabela 1) foram a colorada (27,2%) e zaina (13,8%). A pelagem gateada se encontra na terceira

posição com 11,2%, demonstrando um nítido decréscimo em relação às descritas anteriormente (DOWDALL, 1982) em que foram analisados reprodutores crioulos presentes nas exposições de Palermo desde 1944 a 1963. Nesse trabalho, verificou-se que 60,7% eram gateados, 8,8% lobunos, 8,2% baios e 21,1% de outras pelagens. Também são inferiores às observadas por DUVAL (1985) que encontrou 15,6% de fêmeas e 14,8% de machos gateados registrados nos primeiros 10 anos da ABCCC, além de inferiores aos achados de AMARAL & ALMEIDA (2007) que se encontrava próximo a 30% como já foi citado.

Há de se considerar o fato de que os estudos citados dizem respeito a todos os animais registrados em diferentes fases da história da ABCCC, enquanto o presente trabalho identificou as pelagens de animais levados a provas funcionais recentes. Neste caso, o alto número de zainos e colorados, pode estar relacionado à intensa pressão seletiva das provas funcionais à que estão submetidos esses animais atletas da raça Crioula, modificando a frequência gênica dos indivíduos. Também houve importação de crioulos chilenos que podem ter interferido nessas mudanças de frequência dessas pelagens.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, verifica-se uma frequência de pelagens diferente daquelas documentadas anteriormente como padrão da raça. Essa diferença pode indicar um processo de seleção artificial a que a raça vem sendo submetida, em busca de indivíduos que possam obter melhores resultados nas provas funcionais e morfológicas conforme os padrões buscados pelos jurados.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL, L.C.; ALMEIDA, E.X. **Pelagens de Cavalos Crioulos**. Pelotas, RS Comunicação pessoal, 2007.

DOWDALL, R. C. **Criando Criollos**. Buenos Aires: Hemisfério Sur SA, 1982.

DUVAL, E.J.C.P. As pelagens da tropilha crioula. **Revista Raça Crioula**. Ano 9, p.41, 1985.

SÁ, J.V.B. Genética de pelagens. **Anuário Raça Crioula**, Ano 46, nº 43, p. 454-460, 2006.

SOLANET, E. **Pelajes Criollos**. Buenos Aires: Fondo Editorial Agropecuario SA, 1971.

SOLANET, E. **Tratado de Hipotecnia**. Buenos Aires: Ediciones Morata, 1946.